

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

RUAN RAMON BARRETO DE MELO

**DOCUMENTÁRIO
OUTRO MUNDO: UM OLHAR SOBRE A COMUNICAÇÃO NO MUNICÍPIO
DE OLINDINA**

**SALVADOR
2013**

RUAN RAMON BARRETO DE MELO

**OUTRO MUNDO: UM OLHAR SOBRE A COMUNICAÇÃO NO MUNICÍPIO
DE OLINDINA**

Memória do documentário Outro Mundo: um olhar sobre a comunicação no município de Olindina, produzido como requisito parcial para obtenção do título de graduado no Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Malu Fontes

**SALVADOR
2013**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio incondicional;

À namorada e jornalista Monique Garcez, pelo conhecimento transmitido e apoio;

À orientadora, professora Malu Fontes, pelas instruções indispensáveis;

Às editoras Selma Barbosa e Danutta Rodrigues, sem as quais nada disso seria possível;

Aos amigos e demais familiares, pela ajuda e conforto nos momentos mais difíceis;

Aos moradores de Olindina, pela paciência e dedicação.

RESUMO

O texto aqui apresentado é o registro da produção do documentário *“Outro Mundo um olhar sobre a comunicação no município de Olindina”*, elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esta obra tem como objetivo retratar o lugar da comunicação em Olindina, cidade distante aproximadamente 200 quilômetros da capital da Bahia, Salvador, bem como a sua relação com a população do município. Neste memorial serão detalhadas e justificadas todas as etapas de produção do filme, desde a decisão pela temática, até o processo de filmagem e edição.

PALAVRAS-CHAVES: documentário, memória, comunicação, Olindina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
2 OBJETIVOS.....	9
3 FORMATO.....	10
4 JUSTIFICATIVA	12
4.1 SOBRE O GÊNERO.....	12
4.2 SOBRE O LUGAR.....	14
4.3 SOBRE O TEMA	15
5 PROCESSO PRODUTIVO.....	18
5.1 PRODUÇÃO.....	18
5.2 FILMAGEM.....	19
5.3 EDIÇÃO.....	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
7 FICHA TÉCNICA.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

Em um mundo conectado por grandes corporações midiáticas, os centros urbanos mais desenvolvidos economicamente tornaram-se o palco da disputa diária entre os veículos de comunicação pela preferência da população no consumo de informações. Novos sites, jornais impressos, emissoras de rádio e televisão surgem ao longo dos anos e juntam-se aos meios já existentes em uma corrida sem limites pela notícia, pelo fato que provoque maior interesse da audiência.

Nesse cenário de disputa, os meios de comunicação de massa tornaram-se os principais agentes de mediação da sociedade. Cruz (2011) acredita que através de textos, sons e imagens, a cultura midiática “fornece elementos de homogeneização de discursos e identidades”:

Passando à frente de instituições como a família, a escola e a igreja, os meios de comunicação de massa, através dos seus veículos, adquirem caráter centralizador na atualidade. Nesta realidade, muitas vezes, atuam em compasso com as forças hegemônicas da sociedade (CRUZ, 2011, p.184).

A mídia sugere regras, maneiras de pensar, modas, hábitos. “Por trás deste véu sedutor, busca audiência e, conseqüentemente, lucros cada vez maiores” (CRUZ, 2011, p.184). E para chegar ao público alvo, os *mass media*¹ difundem uma variedade infinita de informações.

Em razão da concorrência, os veículos de comunicação se renovam periodicamente, criando estratégias visando atrair leitores, telespectadores e ouvintes. Organizações renomadas, líderes no mercado, ou até mesmo as emergentes, formam um cenário de disputa mútua pela conquista do público.

No entanto, essa realidade de disputa entre empresas jornalísticas não é a mesma em todos os lugares. Estes embates travam-se nos maiores centros urbanos, nas regiões que contam com uma grande circulação do capital. Em Salvador, capital da Bahia e terceira cidade mais populosa do Brasil segundo o

¹ Termo derivado do latim médium (meio) e pela palavra inglesa mass (massa). Em sentido literal, os mass media seriam os meios de comunicação de massa.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², a população encontra uma diversidade de instituições jornalísticas e, portanto, infinitas possibilidades de se informar sobre o lugar em que vive. Não há limites no mundo da comunicação das metrópoles. Informação e conhecimento estão em todos os lugares: televisão, jornais impressos, programas de rádio e internet.

Como contrapontos ao ambiente comunicacional dos centros urbanos, existem as realidades de cidades pouco desenvolvidas economicamente, que contam com um número de habitantes pequeno e, portanto, um mercado de leitores, ouvintes e telespectadores, reduzido, se comparado às metrópoles. São municípios que não dispõem de qualquer diversidade de instituições jornalísticas.

Olindina, cidade da Bahia situada a cerca de 200 quilômetros de Salvador, possui uma população estimada em, aproximadamente, 24 mil habitantes³. No município não há qualquer tipo de atividade relacionada ao jornalismo, uma vez que o local conta basicamente com o trabalho realizado pelos “veículos de som”⁴, que atuam divulgando quase que exclusivamente informes publicitários.

Outra dificuldade enfrentada pelos moradores de Olindina é o difícil acesso a jornais impressos, já que não há bancas de revistas na cidade. Desta forma, sobram-lhes os telejornais, os programas de rádio e a internet, que são os canais de comunicação mais comuns da população com outras partes do Brasil e do mundo.

O jornalístico comunitário, tomado neste trabalho através do conceito de Freitas (2006), ou seja, como uma prática que visa difundir assuntos de interesse de um determinado lugar, de fatos que não teriam espaço nos veículos de comunicação da grande imprensa, é inexistente em Olindina. “O jornalismo comunitário é sempre alternativo, pois sua linguagem difere-se da grande imprensa. Pois a preocupação do jornal comunitário é com discussões na esfera do micro” (FREITAS, 2006, p.17).

² Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

³ Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Olindina possuía, em 2010, 24.943 habitantes.

⁴ Carros, bicicletas, motos e outros veículos equipados com alto-falantes e amplificadores que fazem a divulgação de acontecimentos na cidade.

Diante do conhecimento sobre as diferenças entre Salvador e Olindina, é importante compreender os contrastes da comunicação no Brasil. Enquanto que em algumas regiões a informação está disponível nas mais diversas plataformas, Olindina se apresenta como um “outro mundo”, composto por limitações e formado por práticas comunicativas distintas.

É importante destacar que o objetivo de “Outro Mundo” é para além de retratar através de uma câmara outras situações e diferentes formas comunicativas, provocar a reflexão e o debate a respeito do lugar e do valor da informação no século XXI.

Da concepção à execução deste trabalho final, o processo foi demasiadamente longo, formado por diversas etapas. Neste memorial, busca-se descrever todo o processo de produção, desde o aspecto inicial da elaboração teórica, até os procedimentos de realização.

2 OBJETIVOS

Produzir um documentário como produto do trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/UFBA), como forma de compreender como se dão e como são percebidas as práticas dos meios de comunicação no município de Olindina.

“Outro Mundo: um olhar sobre a comunicação no município de Olindina” visa, ao retratar a realidade dos moradores de uma cidade da Bahia, mostrar o contraste da comunicação no Brasil, bem como provocar discussões a respeito do lugar e do valor da informação.

3 FORMATO

A partir de uma perspectiva expositiva, o objeto de elaboração deste documentário é o discurso da população do município de Olindina, a respeito das práticas comunicativas que são ou não realizadas na cidade. Muito embora a parcialidade seja permitida e algo intangível na obra - os modos de produção exigem escolhas e recortes temáticos subjetivos -, neste tipo de produção, marcado pelo “olhar” do diretor sobre seu objeto, busca-se a menor interferência possível do autor.

A narração de uma pessoa exterior - a *voz off*⁵ - não está presente no documentário devido à decisão de interferir da menor forma possível no trabalho. Através de relatos, os moradores de Olindina são quem desenvolvem toda a trama. Ao contarem suas histórias, os personagens fazem com que o produto seja mais natural e rico em depoimentos.

Essa concepção se assemelha à linguagem utilizada pelo cineasta paulista Eduardo Coutinho⁶, através das suas obras “*Edifício Master*” (2002), “*Peões*” (2004) e “*O Fim e o Princípio*” (2005). Coutinho foi uma das maiores referências na elaboração deste produto, uma vez que em suas produções, o documentarista deixava que os próprios personagens contassem suas histórias.

Em seus documentários, Coutinho não se interessava pelos discursos prontos dos entrevistados, mas pela singularidade que cada um conta a sua história. Furtado (2012) acredita que um dos aspectos que mais chama atenção no trabalho de Coutinho é o privilégio das contradições discursivas dos personagens:

Nesse ponto crucial reside todo o charme e beleza do documentário de Coutinho, que mostra a contradição humana. Este ponto é central porque o documental sempre se pretende pai da objetividade, aquele que busca esclarecer, elucidar, mostrar as coisas como elas são. Entretanto, é mostrando as contradições discursivas que Coutinho revela sua maestria (FURTADO, 2012, p.199).

⁵ Comentário ou narração sobre o som original.

⁶ Nascido em São Paulo no dia 11 de maio de 1933, Coutinho é considerado um dos maiores documentaristas brasileiros da atualidade. O filme de 1984, “*Cabra Marcado para Morrer*”, conquistou 12 prêmios internacionais.

Assim como nas obras de Coutinho, em “Outro Mundo”, a maior preocupação não é a qualidade da imagem ou encenação, mas o retrato da realidade através da naturalização das vivências dos personagens. Ao abordar apenas a exposição dos entrevistados e não promover qualquer outro tipo de interferência externa, é possível penetrar mais profundamente no cotidiano das pessoas.

Para as vozes deste documentário foram selecionados diversos moradores, alguns com uma relação mais direta com a comunicação - o dono de um carro de som, o fundador de um boletim informativo, locutores -, e outros que tinham propriedade para partilhar qualquer tipo informação sobre a comunicação na cidade: estudantes, pedreiros, professores, funcionários públicos, etc.

Alguns dos personagens marcam sua importância no documentário por sobreviverem do trabalho com comunicação, ainda que seja deficiente, e ao mesmo tempo, por acreditarem no valor social da prática e no alcance positivo que tais ações têm sobre as pessoas.

Mesmo sem as melhores condições de trabalho, alguns dos entrevistados também tentam ultrapassar o desafio de transmitir para os moradores os valores históricos da cidade, que estão apagados nas memórias das pessoas. Ao mesmo tempo em que fazem isso, esses atores sociais valorizam a informação e o conhecimento sobre o lugar onde vivem.

Desta forma, os trabalhos mais simples, sejam eles através dos carros de som, por exemplo, não deixam de ser significativos para os habitantes de Olindina, uma vez que essas atividades mantêm viva, mesmo que minimamente, a prática comunicativa local.

4 JUSTIFICATIVA

4.1 SOBRE O GÊNERO

A escolha pela elaboração de um documentário aconteceu devido ao fascínio pelo formato. Este gênero fílmico, que Ramos (2008) define como “tratamento criativo da realidade”, tem uma capacidade única de revelar os aspectos mais profundos da realidade, de contar através de imagens e sons as histórias de pessoas e de lugares.

As narrativas retratadas em *“Outro Mundo: um olhar sobre a comunicação no município de Olindina”* não poderiam se esgotar em um mero registro textual. Sons e imagens são aspectos que permitem ao público olhar a comunicação em Olindina de uma maneira mais real, de forma mais verossímil. “O gênero documentário está imaginariamente associado ao real, à objetividade, à possibilidade de ‘mostrar ou revelar’ a verdade de determinado objeto” (FURTADO, 2012, p.194).

A elaboração de um documentário também é vista como importante para a consolidação da formação acadêmica. A experiência como cinegrafista e produtor na disciplina *“Comunicação e Telejornalismo”*, e as discussões sobre filmes na matéria optativa *“Temas Especiais em Comunicação”*, ambas da grade de cursos da Facom, fortaleceram a ideia da produção documental. A primeira forneceu o suporte básico para compreender as técnicas de filmagem. Já a segunda ajudou a conhecer e discutir obras com as quais se busca espelhar em *“Outro Mundo”*.

É importante destacar que ao mesmo tempo em que havia um grande interesse a respeito da elaboração deste documentário, também existia um receio em relação à maneira de produzi-lo, em razão da falta de compreensão de toda a essência das técnicas audiovisuais. Devido aos possíveis problemas logísticos de transporte de pessoal, o acúmulo de funções como roteirista, produtor, diretor e cinegrafista foi o maior empecilho.

Sendo assim, no decorrer da elaboração da obra foram fundamentais as leituras complementares. Elas forneceram o principal suporte nas etapas de produção, filmagem e edição. O estudo de Soares (2009) foi importante na construção do processo de roteirização, concebido como a descrição da estrutura dos acontecimentos do documentário, de modo a apresentar uma situação e desdobrá-la em várias possibilidades. É no roteiro que estão informações sobre a ideia do vídeo, utilização da(s) câmera(s) e equipamentos em geral, quem são os personagens, qual o papel deles, como a obra pretende relacioná-los com todo o resto, etc.

Em seguida aparece o processo de produção, responsável pela captação de recursos, planejamento logístico, controle de filmagem e distribuição do documentário para exibição. Segundo Rodrigues (2007), para produzir um filme é necessário saber orçar, planejar, organizar, administrar e executar:

O filme, feito por uma pessoa ou uma produtora, passa por diversos estágios: desenvolvimento (quando surge a ideia, o roteiro definido, os recursos obtidos); preparação (quando fazemos o levantamento das necessidades do filme); pré-produção (em que definimos tudo que foi levantado na preparação); filmagem (também chamada de produção); e finalização (em que é dada a forma final do filme para exibição) (RODRIGUES, 2007, p.68).

Após a produção começa a gravação. Nesta fase é fundamental compreender não somente o manuseio da câmera, mas todas as técnicas de filmagem. Por isso, é importante que o cinegrafista esteja atento a diversos aspectos: o local em que o produto é filmado e a composição das imagens, o posicionamento do entrevistado diante da câmera e o enquadramento. Todos esses elementos fazem parte de informações visuais essenciais para a definição do estilo do documentário.

O encerramento do processo de construção do documentário se dá através da edição. É através desta etapa que são definidas e ordenadas as linhas narrativas de uma obra. Cabe ao editor pensar as montagens de blocos, a abertura e encerramento do documentário, a ordem cronológica das falas que serão utilizadas, a trilha sonora, etc. Soares (2009) acredita que um dos aspectos mais importantes nesta fase é a decisão sobre como será o início da narrativa:

Definir quais serão as sequências iniciais do documentário implica em como introduzir o assunto ao espectador, como atizar sua curiosidade para com aquilo que está por vir, como cativar a audiência, especialmente se o assunto não for muito familiar para a maioria (SOARES, 2009, p.193).

Além disso, também deve ser discutida com cuidado a melhor maneira de encerrar uma produção, visto que o documentário deve ter fim quando o seu conteúdo for esgotado, não deixando margem para a possibilidade do trabalho se tornar cansativo e redundante para o público.

4.2 SOBRE O LUGAR

A cidade de Olindina está localizada no nordeste da Bahia, em uma região que abrange os municípios de Nova Soure, Crisópolis, Itapicuru, Inhambupe, Sátiro Dias e Aporá. De acordo com o Censo Demográfico do IBGE⁷, em 2010, a população urbana de Olindina era de 12,7 mil, pouco maior que a rural, de 12,1 mil habitantes. Já o Produto Interno Bruto (PIB) per capita era de R\$ 4.173,45.

Em Olindina, cerca de 10 mil pessoas não possuem emprego com carteira assinada. A maioria dos moradores empregados, aproximadamente 4,6 mil, ganha entre meio e um salário mínimo por mês. Somente 207 pessoas, segundo o IBGE, recebem de dois a três salários mínimos mensalmente.

Em relação aos meios de comunicação de massa, Olindina nunca teve um jornal com circulação diária. Até o ano de 2004 um boletim informativo local era veiculado semanalmente e comercializado no município, mas a falta de investimento e, principalmente de demanda, fizeram com que o periódico parasse de circular. Atualmente, os moradores do local dispõem de um sistema de som através de caixas espalhadas nos postes de energia da cidade. As pessoas que realizam este tipo de trabalho dedicam a maior parte da programação a anúncios publicitários e notas sobre falecimentos. Veículos de som de empresas privadas e da Prefeitura Municipal também exercem esse tipo de função.

⁷ Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>.

Dados da Associação Nacional dos Jornais (ANJ)⁸ apontam que quatorze periódicos impressos circulavam diariamente na Bahia no ano de 2011. O número é um dos maiores entre os estados das regiões norte e nordeste, se igualando apenas a Amazonas e Maranhão. No entanto, a quantidade de jornais na Bahia ainda é bem menor em relação a São Paulo (212 periódicos em circulação) e Minas Gerais (70).

Em Olindina, não há sites ou blogs locais, nem mesmo jornais impressos e emissoras de televisão que atuem como veículos informativos sobre os acontecimentos do município. Não estão instaladas bancas de revistas na cidade e somente o jornal “A Tarde”⁹ é vendido em uma farmácia local. Com isso, a circulação de notícias sobre Olindina se dá exclusivamente através do jornalismo praticado em outros lugares, a exemplo das rádios comunitárias que funcionam em cidades da região.

Diante do conhecimento sobre a inexistência de qualquer trabalho jornalístico em Olindina, por entender as limitações e deficiências do lugar, surgiu a necessidade de retratar a realidade da cidade através de um documentário. Com este produto, será possível revelar uma situação pouco conhecida para os moradores de municípios mais desenvolvidos, visto que eles dispõem de outras práticas comunicativas, muitas vezes baseadas em uma infinidade de jornais, emissoras de televisão, etc.

4.3 SOBRE O TEMA

Uma grande distância separa a comunicação realizada nas metrópoles da que é praticada na cidade de Olindina. Em Salvador, diversas empresas do ramo do jornalismo buscam a todo momento se renovar e conquistar a atenção do público através da divulgação de informações que despertem o interesse. A

⁸ Fundada em 17 de agosto de 1979, a ANJ conta atualmente com 147 empresas jornalísticas associadas, responsáveis por mais de 90 por cento da circulação brasileira de jornais. Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/titulos-de-jornais-por-regiao-e-estado>.

⁹ Fundado em 15 de outubro de 1912, pelo jornalista e político Ernesto Simões Filho (1886-1957), o jornal A Tarde é um periódico que circula no estado da Bahia. Sua versão online está disponível em: <http://atarde.uol.com.br>.

própria audiência demonstra a necessidade de saber o que acontece no local em que vive e, portanto, exige que os veículos de comunicação não deixem de abordar o que é de mais relevante no município.

Há inúmeras possibilidades de adquirir novos conhecimentos sobre as metrópoles. Todas as informações estão ao alcance de um click, de um controle remoto, de uma revista ou jornal. O mesmo não acontece com informações sobre acontecimentos de Olindina. Os assuntos debatidos na Câmara de Vereadores local, por exemplo, não são amplamente divulgados por qualquer tipo de meio de comunicação. Como consequência, as ideias dos líderes da cidade e as decisões políticas ficam centralizadas a grupos sociais e são pouco conhecidas pelos cidadãos. Para Miguel (2002), a mídia é o principal instrumento de difusão das visões de mundo e dos projetos políticos:

Os meios de comunicação não são canais neutros que “registram” uma realidade que lhes é externa. Também não são penetras que perturbam uma atividade política que, no fundamental, ocorre sem eles; nem são mais, como disse Bernardo Kucinski se referindo aos barões da imprensa da primeira metade do século 20, meros “chantagistas que se imiscuíam no jogo regular de poder das elites dominantes”. São agentes políticos plenos e, com a força de sua influência, reorganizaram todo o jogo político (MIGUEL, 2002, p.180).

Isso significa que cabe a mídia dar espaço a diferentes vozes da sociedade e permitir que diversos grupos sociais formulem suas próprias interpretações sobre o mundo. “No caso específico do jornalismo, isto inclui um compromisso com a ‘verdade’ e a ‘objetividade’, que servem de critério para determinar a competência e a respeitabilidade pelos pares” (MIGUEL, 2002, p.168).

Para Correia (1995), os meios de comunicação social, enquanto estruturas profissionalizadas de distribuição de mensagens, estão se profissionalizando como atividade mediadora e se consolidando como uma dimensão constituinte e estruturante da sociabilidade. “O jornalismo contribuiu para a “construção social da realidade”, para a rotinização da própria dinâmica social, estabilizando-a em acontecimentos, comportamentos previsíveis e erupções” (CORREIA, 1995, p.3).

Sendo assim, Correia (1995) acredita que o uso dos meios de comunicação transforma a organização da vida social, criando novas formas de ação e de

interação. Já o jornalismo aparece então como uma atividade importante, uma vez que a sua existência torna possível a formação de opinião pública. Ao não possuir ou contar de forma reduzida com práticas comunicativas jornalísticas, muito menos com profissionais graduados neste campo, Olindina não tem à disposição uma atividade fundamental para a formação crítica dos seus cidadãos.

Através de *“Outro Mundo: um olhar sobre a comunicação no município de Olindina”* é possível perceber uma situação que pode ser encarada como inimaginável no século XXI, marcado pela perspectiva da globalização. Ao reproduzir um “outro mundo”, esse documentário visa promover um debate a respeito do lugar e do valor da prática comunicativa em locais afastados dos grandes centros urbanos.

Esse produto é indicado, em especial, para os estudantes de comunicação, por proporcioná-los a possibilidade de sair do campo meramente teórico e compreender através de um produto audiovisual, o que é a comunicação para além da realidade dos grandes centros. Ao aliar as informações discutidas em sala de aula com este vídeo, será possível fazer uma discussão mais ampla sobre a comunicação.

5 PROCESSO PRODUTIVO

5.1 PRODUÇÃO

“Outro Mundo: um olhar sobre a comunicação no município de Olindina” começou a ser produzido a partir da construção do roteiro do documentário. Esse processo teve início com a seleção dos principais personagens, cujas experiências poderiam contribuir para o conteúdo do trabalho.

Em abril de 2013, foram feitas viagens semanais à cidade, a fim de realizar reuniões com essas possíveis fontes. Para Soares (2009), pré-entrevistas são úteis para colher informações, aprofundar as já obtidas, e avaliar os personagens em relação ao comportamento de cada um diante da câmera, bem como para a articulação verbal.

Por se tratar de documentário filmado em outra cidade, as datas das gravações foram escolhidas com cuidado, próximas a feriados e finais de semana, pois há uma maior possibilidade das fontes estarem disponíveis. Com isso, foi possível filmar boa parte do produto durante cada viagem, evitando a necessidade de retorno aos locais para regravações:

Mapear e fazer um cuidadoso estudo das locações pode ser útil para prevenir imprevistos ou problemas técnicos relacionados à iluminação e captação de som, além de fazer com que o documentarista se familiarize com o universo abordado (SOARES, 2009, p.88).

Durante o período de produção, Paulo Silva, funcionário do laboratório de TV da Facom, esclareceu todas as dúvidas sobre o equipamento técnico utilizado durante as filmagens. Por dispor de melhor qualidade na imagem e no som entre as disponíveis na faculdade, a câmera profissional do modelo DVCAM DVC 200, da Sony, foi escolhida para a gravação.

Diante das informações obtidas através das reuniões com as fontes e dos conhecimentos sobre a operacionalização do equipamento de filmagem, bem como sobre o processo de roteirização, foi elaborado um projeto com todos os

passos a serem executados durante as gravações, desde as perguntas a serem feitas, até o posicionamento da câmera e enquadramento:

Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário. Continua com a definição dos personagens e das vozes que darão corpo a essa investigação. Inclui ainda a escolha de locações e cenários, definição de cenas, sequências, até chegar em uma prévia elaboração dos planos de filmagem, enquadramentos, trabalho de câmera e som, entre outros detalhes técnicos que podem contribuir para a qualidade do filme. Ao término desse percurso escrito, o cineasta terá adquirido noção mais precisa das potencialidades de seu projeto (SOARES, 2009, p.21).

Também foi planejada toda a logística envolvendo o transporte do equipamento de Salvador para Olindina. Este processo contou com a ajuda de parentes e amigos, os quais disponibilizaram veículos para que a câmera da faculdade chegasse à cidade em segurança. Em Olindina, o deslocamento entre as casas dos moradores foi facilitado devido ao fato da área do município não ser grande¹⁰, o que permitiu com que os percursos realizados entre as residências dos personagens fossem curtos.

Embora o processo de produção do documentário tenha sido realizado somente por uma pessoa e exigido uma série de etapas, desde a elaboração do roteiro até o deslocamento para Olindina, ele transcorreu sem qualquer tipo de dificuldade. O andamento do trabalho não sofreu com imprevistos e obedeceu a todos os prazos estabelecidos.

5.2 FILMAGEM

As filmagens do documentário aconteceram entre maio e julho de 2013. O enquadramento realizado durante as gravações contou com variações e as composições se deram entre o plano aberto, médio e fechado (*close up*)¹¹, a

¹⁰ Segundo o IBGE, Olindina tem uma área de 542, 184 km². Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=292310>

¹¹ São os principais componentes do enquadramento de uma imagem. Escolher o plano é determinar qual a distância entre a câmera e o objeto que está sendo filmado.

dependem da situação de cada entrevista. Para Soares (2009), esta variação de posicionamentos é importante para criar uma maior dinâmica visual e eliminar a monotonia de uma entrevista longa.

As primeiras filmagens foram feitas no dia 30 de maio de 2013. Diante da necessidade de mostrar ao público onde Olindina está inserida, como é a cidade, desde as suas mais variadas avenidas e ruas, foram gravadas imagens de vários pontos do município, da entrada à saída, os meios de locomoção mais comuns, o comércio, as igrejas, a Prefeitura Municipal, etc.

Moradores dos arredores de Olindina foram entrevistados, a fim de saber o que pensam a respeito dos meios de comunicação existentes na cidade. Ainda no primeiro dia foi realizada a entrevista com o funcionário público Sandro Vagner, responsável pela criação e circulação entre os anos de 2000 e 2004, do jornal “Notícias Populares de Olindina”. Vagner foi importante para o documentário, pois relatou como foi a experiência de manter, durante alguns anos, um trabalho que, segundo ele, era pouco rentável, mas que tinha relevância na cidade.

Outro entrevistado do primeiro dia foi o professor de curso pré-vestibular Cácio Mirelli. Nascido em Olindina, Mirelli trabalhou durante muitos anos em Salvador. Voltou a Olindina em 2002 e desde então convive com a dificuldade de dar aulas sem um jornal que informe aos estudantes o que acontece no município. Durante a filmagem, Mirelli revelou que, como não há bancas de jornais em Olindina, precisa ir uma vez ao mês a Salvador para comprar uma série de revistas para serem utilizadas pelos seus alunos.

O segundo dia de gravações começou na praça principal da cidade, com imagens da rotina dos moradores. As casas, os carros e toda a movimentação local não poderiam deixar de ser retratados. Esse segundo dia de entrevistas foi marcado pela gravação com o músico João Carlos Dorea, responsável por gerir, entre os anos de 2005 e 2006, uma rádio comunitária na cidade. Dorea conta que mesmo sem obter autorização da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), operou o sistema, o qual foi fechado pela polícia após o recebimento de uma denúncia anônima.

Mesmo sem formação como radialista e sem a preocupação em produzir notícias de cunho jornalístico, Dorea foi um dos locutores da rádio e conduziu programas que eram ouvidos diariamente por grande parte da população de Olindina. Seu depoimento para o documentário é significativo por destacar o quanto a comunicação faz diferença em uma cidade e quanto as pessoas valorizam esta prática. O jornalismo comunitário que foi praticado por Dorea tem seu valor por ser desvinculado da lógica de mercado dos grandes veículos de comunicação. Para Freitas (2006), este tipo de atividade é um caminho para profissionais trabalharem livremente, sem que sejam obrigados a seguirem a linha editorial defendida pelas empresas em que atuam.

No dia 1º de maio de 2013, Rui Oliveira, policial militar aposentado e dono de um sistema de caixas de som chamado “Transasom”, que funciona em Olindina, foi ouvido no seu local de trabalho, em sua própria residência. Juntamente com a esposa, Oliveira exerce a função de locutor e veicula anúncios publicitários e notícias divulgadas por jornais de outras regiões. Ele é a única pessoa a realizar este tipo de função em Olindina e um dos poucos moradores a obter um lucro satisfatório trabalhando com comunicação na cidade.

Também presente no cenário da comunicação de Olindina, o bibliotecário Alex Costa atua no serviço de caixas de som, realizando mensalmente um programa destinado à fomentação da literatura. Dentro das limitações impostas pelo ambiente em que vive, Costa promove um trabalho diferente, proporcionando aos cidadãos conhecimento sobre diversos autores literários. Através de uma atividade sem fins lucrativos, ele visa despertar o interesse da população pelos livros.

O quarto dia de filmagem aconteceu em um sábado, período de maior movimento da cidade, visto que é realizada a feira local. Por se tratar de um dia típico, em que moradores das cidades próximas vão a Olindina para comprar frutas e verduras, foram gravadas várias situações: a movimentação nas barracas, o comércio, o trabalho de idosos e jovens, etc.

Neste mesmo dia foram feitas imagens da Farmácia Oliveira, local onde é encontrado o jornal “A Tarde”, único periódico vendido em Olindina. O proprietário do estabelecimento, João Barros, falou das dificuldades de manter

a venda, mas por sua pouca desenvoltura diante da câmera, o depoimento não pode ser aproveitado. Segundo Oliveira, o número de exemplares do “A Tarde” que são vendidos diariamente não chega a vinte. Os interessados nos jornais são, em sua maioria, professores e comerciantes locais. Oliveira conta ainda que muitos dos jornais acabam ficando acumulados nas prateleiras, sendo levados no final do dia para a reciclagem.

A partir de todas as imagens e das entrevistas realizadas nestes quatro dias, o material foi avaliado pela professora orientadora Malu Fontes, juntamente com os técnicos responsáveis pela edição. Esta etapa de trabalho foi importante para definir os acertos e erros das gravações, bem como definir o que precisaria ainda ser feito durante as próximas filmagens.

Entre os dias 11 e 14 de julho de 2013 foram realizadas as últimas gravações. Na ocasião, foram entrevistados outros moradores que tinham algo para partilhar sobre a comunicação em Olindina. Uma das entrevistas feitas nesse período foi com o professor de história Jair Silva. Durante o seu relato, Silva conta que, devido à falta de informações, encontrou muitas dificuldades ao fazer uma pesquisa sobre o perfil dos prefeitos que já administraram Olindina. Como não há um veículo de comunicação na cidade, os detalhes sobre as ações dos gestores acabaram então sendo obtidos através de pessoas ligadas às administrações. Para Silva, a partir daí surge a necessidade e a importância de se ter um trabalho jornalístico local, capaz de fazer o registro imparcial dos acontecimentos que envolvem o município.

Durante esse novo período de gravações houve a preocupação em selecionar um número variado de fontes, de diferentes origens culturais, a fim de reunir no documentário diversas perspectivas sobre a comunicação em Olindina. Um dos depoimentos registrados no dia 13 de julho de 2013 foi o de Sarbélío Silva, motorista de carro de som, cuja atuação se dá através da divulgação de notas publicitárias e de falecimento na cidade. Silva conta que a ideia de começar a realizar esse tipo de trabalho surgiu após poucas pessoas irem ao sepultamento do seu pai em razão do não conhecimento sobre sua morte.

Também foram ouvidos os estudantes Abraham Lincoln e Emanuelle Barreto, o pedreiro Maurício Conceição, os aposentados Francisco Santos e José Ramos, além da funcionária pública Grazielle Cardoso. Embora eles tenham histórias

completamente diferentes, todos foram unânimes ao afirmar a insatisfação diante do modo como é realizada a comunicação em Olindina e a necessidade de mudança através do trabalho jornalístico.

5.3 EDIÇÃO

A edição do material gravado ocorreu entre os meses de julho e agosto de 2013, no Laboratório de TV da Facom. Visando detectar erros cometidos durante as filmagens e procurar corrigi-los, este processo foi iniciado quando cerca de 80% das gravações estavam concluídas. O primeiro passo da edição foi a seleção, através da decupagem, dos trechos das sonoras e imagens que seriam aproveitados. Segundo Soares (2009), a escolha dos planos de cada cena orienta a montagem do documentário: “Entre roteiro e montagem, o processo de produção será marcado por um enxugamento gradual das partes menos essenciais ao filme” (SOARES, 2009, p.182).

Após a decupagem, todo material foi descarregado em um computador do Laboratório de TV da Facom. Por dispor de um total de dez fitas gravadas, com duração de uma hora cada, esse processo durou duas semanas. A partir daí o documentário começou a ser montado, a ganhar ritmo. Durante esta fase, foi percebida claramente a importância do roteiro. Em diversas etapas, a edição seguiu o que já havia sido planejado, facilitando assim o processo de ordenamento do trabalho.

Selma Barbosa, técnica do Laboratório da Facom, e Danutta Rodrigues, editora multimídia do site G1 Bahia¹², foram as responsáveis pela edição do documentário. Além de atuarem na parte técnica e trabalharem seguindo o roteiro, ambas ajudaram com sugestões sobre a melhor forma de deixar a obra clara para o público.

A definição da trilha sonora foi uma das fases do processo de edição que exigiu cuidado e paciência. É importante que imagem e som tenham uma relação direta e transmitam uma mesma mensagem. A canção “Nordestina”, do

¹² Portal de notícias mantido pela Central Globo de Jornalismo.

instrumentalista pernambucano Hugo Linns¹³, está presente em “Outro Mundo” por situar o documentário na região Nordeste e dialogar com o que é visualizado no trabalho.

Como é natural em qualquer produto, alguns aspectos antes definidos foram cortados e outros não pensados foram incorporados. Um exemplo foi a divisão do documentário em blocos, o que não havia sido planejado. Isso se deu por conta da necessidade de dinamizar o produto e fazer com que o público não tivesse dúvida sobre os assuntos abordados. Soares (2009) aponta que a depender do material gravado, o roteiro poderá não seguir a estrutura proposta na fase de pré-produção:

A experiência de filmagem, bem como o contato com o universo abordado, pode subverter noções preliminares, esboçadas na pré-produção, criando novos focos de interesse para o filme, o que obriga, ao realizador, pensar em uma nova organização do material que incorpore essas mudanças (SOARES, 2009, p.187).

Pouco a pouco o documentário começou a ser montado. Sonoras e imagens foram escolhidas detalhadamente e cada entrevistado foi tomando o seu lugar no produto. A aparição de cada personagem no trabalho obedeceu aos critérios de maior relevância entre os depoimentos e de maior domínio sobre o tema abordado na fala.

¹³ Compositor, arranjador e instrumentista. Em 2010 Hugo Linns lançou o CD “Fita Branca”, que traz melodias da região Nordeste ao som da viola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir, filmar e editar um documentário é um grande desafio. A inexperiência e o curto tempo para a conclusão do trabalho foram as maiores dificuldades encontradas. No entanto, ao mesmo tempo em que existia o receio de não conseguir finalizar o produto, havia também a inquietação diante da necessidade de retratar a realidade da cidade de Olindina.

Esse trabalho começou há um ano, com a elaboração do projeto. À medida que todos os passos eram planejados, ficava evidente o despreparo e a falta de conhecimento sobre as etapas de produção do documentário. Por isso foram importantes as leituras complementares, as reuniões com técnicos da Facom sobre equipamento de filmagem e edição, além das orientações da professora sobre a linguagem do produto.

Também havia a motivação em adquirir novos aprendizados e abordar um tema pouco explorado. Alguns moradores de Olindina, durante as entrevistas, tinham dificuldade para falar sobre a comunicação. Para eles, a rádio comunitária é o único meio capaz de informar as pessoas sobre o que acontece na cidade. Portanto, era importante que a discussão sobre o valor da informação e como ela poderia mudar a realidade de um lugar fosse suscitada.

Olindina, ao longo dos anos, passou a não ter mais os meios de comunicação antes existentes na cidade. O fechamento da rádio comunitária e o fim da circulação do boletim informativo no local mostram um fenômeno inverso ao que acontece nos grandes centros urbanos. Com o término destes trabalhos, também não surgiram novas atividades nem foram idealizados outros projetos.

Diante de um panorama em que Olindina tem o seu passado esquecido pelos moradores, o seu presente pouco conhecido e o seu futuro, aparentemente, sem perspectivas, *“Outro Mundo: um olhar sobre a comunicação no município de Olindina”* busca despertar o interesse por mudança e pelo desenvolvimento local. Visa-se, ao levar o conhecimento sobre a realidade do lugar, estimular o pensamento em relação ao valor do jornalismo e da comunicação. É através da prática comunicativa que uma comunidade obtém informações e, ao mesmo tempo, se socializa e organiza a fim de melhorar a situação de um local.

Mesmo com todas as limitações e deficiências em relação à produção do documentário, sejam aquelas que se referem ao pouco conhecimento sobre o equipamento técnico ou o domínio da linguagem audiovisual, espera-se ter desenvolvido ao término deste produto um trabalho informativo, claro e objetivo, que desperte o interesse em discutir o papel e a importância da comunicação.

7 FICHA TÉCNICA

Título Original

Outro Mundo: um olhar sobre a comunicação no município de Olindina

Direção, Produção e Roteiro

Ruan Ramon Barreto de Melo

Som e imagens

Ruan Ramon Barreto de Melo

Edição

Selma Barbosa - Laboratório de TV da Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia (Facom/UFBA);

Danutta Rodrigues - Editora Multimídia do G1.com/BA

Trilha sonora

Hugo Linns (Nordestina)

Depoimentos:

Cácio Mirelli – Professor;

João Carlos Dorea – Músico;

Alex Costa – Bibliotecário;

Rui Oliveira – Locutor;

Sandro Vagner – Funcionário Público

Emanuelle Barreto – Estudante;

Abraham Lincoln – Estudante;

Antônio Ferreira – Pedreiro;

Sarbélio Silva – Motorista;

Francisco Santos – Aposentado;

José Ramos – Aposentado;

Grazielle Cardoso – Funcionária Pública;

Jair Silva – Professor;

Maurício Conceição - Pedreiro

REFERÊNCIAS

CORREIA, João Carlos. **O Poder do Jornalismo e a Mediatização do Espaço Público**. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/jcorreia-poder-jornalismo.html>> Acesso em: 10 dez. 2012.

COUTINHO, Eduardo. **Edifício Master**. [Filme-vídeo]. Direção de Eduardo Coutinho, 2002 DVD, 110 min.

COUTINHO, Eduardo. **O fim e o princípio**. [Filme-vídeo]. Direção de Eduardo Coutinho, 2005 DVD, 110 min.

COUTINHO, Eduardo. **Peões**. [Filme-vídeo]. Direção de Eduardo Coutinho, 2004 DVD, 85 min.

CRUZ, Fábio Souza. **Mídia e direitos humanos: tensionamentos e problematizações em tempos de globalização neoliberal**. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802011000200005&lang=pt> Acesso em: 12 jan. 2013.

FREITAS, Viviane Belizario. **O papel social do jornalismo comunitário: Um estudo do Jornal Cantareira**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/freitas-viviane-papel-social-do-jornalismo-comunitario.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2012.

FURTADO, Maria Sílvia Antunes. **Ficção e Subjetividade no documentário de Eduardo Coutinho**. Maranhão, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2012v17n1p193/22490>> Acesso em: 04 fev. 2013.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Jorge Zahar, 2004.

MIGUEL, Luis Felipe. **Os meios de comunicação e a prática política**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n55-56/a07n5556.pdf>> Acesso em: 21 jan. 2013.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

RODRIGUES, Cris. **O cinema e a produção.** Piracicaba: Lamparina, 2007, 3ª Ed.

SOARES, Sérgio J. Puccini. **Documentário e roteiro de cinema:** da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papirus, 2009.

WATTS, Harris. **Direção de Câmera:** um manual de técnicas de vídeo e cinema. São Paulo: Summus, 1999.